

Decisões atendem mais às pressões políticas, afirma Walter Sacca

por Antônio Gutierrez
de São Paulo

As decisões econômicas anunciadas, quarta-feira, pelo governo atendem mais às pressões políticas do que às necessidades da economia, segundo o diretor do departamento de economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Walter Sacca. Das quatro medidas — tabelamento do "spread"; linhas de crédito para estados e municípios; juros baixos e correção monetária parcial para a agricultura e linha de crédito para as micro, pequenas e médias empresas — apenas as duas últimas foram bem recebidas pelo empresário.

"Continuamos contrários a qualquer tipo de tabelamento", afirmou Sacca, em relação ao tabelamento do "spread". O que não funciona na livre iniciati-

va, observou, não deve funcionar com os bancos. "Este tabelamento é uma interferência indevida da área política na área executiva", disse. Já o vice-presidente do Grupo Sharp, Luis Paulo Rosemberg, tacou de ridícula esta medida.

"A queda dos juros só acontecerá com o corte do déficit público", explicou Rosemberg.

Mas isso não deverá acontecer. Pelo menos é o que prevê Sacca ao analisar a decisão do governo de criar linhas de crédito para estados e municípios, no sentido de antecipar receitas tributárias. Esta decisão pode aumentar o déficit federal e, consequentemente, a inflação, se não houver uma melhora na administração pública e uma volta de investimentos a níveis federal (energia e siderurgia), estadual e muni-

cipal (saúde, educação e saneamento básico), segundo ele.

O empresário recebeu com otimismo a medida que cria linha de crédito para financiamento de capital de giro para as micro, pequenas e médias empresas criadas após o Plano Cruzado. Contudo, ele lembra que esta é uma medida de curto prazo com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND), criado para investimentos a longo prazo. Em relação às medidas para o setor agrícola, Sacca vê como "necessárias", tendo em vista que nos últimos doze meses os produtos agrícolas subiram em média 38%,

enquanto que a inflação atingiu 70%.

REUNIÃO

A recuperação da economia, propiciada pela liberação de preços e pela volta da economia de mercado, está propiciando o retorno do clima necessário a novos investimentos e o afastamento da ameaça de recessão. A normalização das atividades deve dar-se dentro de dois a três meses. Esta foi a conclusão de onze empresários pertencentes ao Conselho Superior de Economia da FIESP, durante sua reunião mensal, na manhã de ontem, conduzida por Walter Sacca, vice-presidente do Conselho.